



Identidade Regional no Telejornalismo em Uberlândia¹

Diélen dos Reis Borges ALMEIDA²
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar de que forma a identidade regional está presente no cenário do telejornalismo local e refletir sobre o uso da identificação regional nos programas televisivo para atrair audiência. Para isso, observou-se o estúdio do telejornal MGTV Primeira Edição, da TV Integração, que faz uso de fotografias que retratam a cultura regional. O referencial teórico aborda os conceitos de identidade e identificação, o desenvolvimento do telejornalismo regional e aspectos da cultura mineira, triangulina e uberlandense.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; identidade; identificação; regional; MGTV.

1 INTRODUÇÃO

O telejornalismo regional, em tese, é o produto midiático mais próximo do público, por ser produzido na cidade ou região em que os telespectadores residem e pautado nos acontecimentos desse espaço. Os programas locais são produzidos por emissoras afiliadas a redes maiores, de atuação nacional, e são inseridos na grade de programação das emissoras nacionais. Assim, essas células de jornalismo local – que se apresentam literalmente em meio a produções brasileiras e estrangeiras – buscam formas de estabelecer vínculos com o espectador das cidades que são seu público-alvo, como forma de garantir a audiência.

Em Uberlândia-MG, temos cinco emissoras de TV locais de sinal aberto: Integração, afiliada à Rede Globo; Paranaíba, afiliada à Rede Record; Vitoriosa, afiliada ao SBT; Band Triângulo, afiliada à Band; e TV Universitária, afiliada à Rede Minas. Todas essas emissoras produzem telejornais locais e, como em outros lugares, buscam formas de criar uma identificação com seu público-alvo.

Neste artigo, partimos da hipótese de que essa tentativa de criar uma relação de pertencimento se dá por meio do cenário montado nos estúdios de gravação, com fotografias que representam o lugar pautado no telejornal. Geralmente, são fotos de prédios históricos, da natureza típica, de obras de arte e do próprio povo.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Estudante recém-graduada do Curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, email: dielenrb@yahoo.com.br.



A fim de investigar essa hipótese, procedemos à observação e análise do cenário de um telejornal local: o MGTV Primeira Edição, da TV Integração. Para isso, o estúdio foi visitado e fotografado, realizamos uma entrevista por e-mail com o diretor de jornalismo da emissora, Paulo Eduardo Vieira, e depois conversamos com ele presencialmente, durante a visita ao estúdio. Antes de começarmos a análise, foi feito um breve estudo sobre telejornalismo regional e a identidade do espaço analisado: mineiro, triangulino e uberlandense.

2 TELEJORNALISMO REGIONAL

No Brasil, o telejornalismo regional passou por três fases. A primeira vai da chegada da TV ao país, nos anos 50, até o início da década de 70, época em que a programação local tinha destaque devido à falta de tecnologia para transmissões de longas distâncias. Na segunda fase, que começa com a criação do videoteipe e transmissões por satélite, a programação local perdeu espaço para as redes nacionais, sediadas em São Paulo e Rio de Janeiro. A terceira fase começa na década de 90 e vem até os dias atuais, quando tem ocorrido uma retomada das temáticas locais, especialmente no telejornalismo (MARTINS, 2007). Esse tempo maior dedicado ao telejornalismo local, segundo Gomes (2006, p.4), foi motivado pela própria audiência:

Nos últimos anos, o espaço dedicado pelo telejornalismo brasileiro a notícias do dia-a-dia da cidade vem aumentando. A TV Globo, em outubro de 1999, aumentou a duração de seu telejornal regional da hora do almoço. Esta decisão foi motivada por uma pesquisa de opinião que detectou um interesse maior do público por notícias locais. (GOMES, 2006, p.4)

A TV Globo, emissora de maior audiência no país, disponibiliza diariamente três faixas de horário para o telejornalismo local: o “Bom Dia Praça”, das 6h30 às 7h30; o “Praça TV Primeira Edição”, das 12h05 às 12h50; e o “Praça TV Segunda Edição”, das 19h15 às 19h35. Vale informar que os telejornais recebem nomes de acordo com a localidade em que são produzidos e transmitidos, por exemplo, no Estado de Minas Gerais, chamam-se “Bom Dia Minas”, “MGTV Primeira Edição” e “MGTV Segunda Edição”.

Ao assistir a esses programas regionais, o público desenvolve um sentimento de reconhecimento e pertencimento, afinal, de acordo com Martins (2007, p. 3), “o telespectador que assiste ao telejornal local se identifica com o que está vendo porque a



notícia da cidade apresentada na tela efetivamente faz parte da sua vida cotidiana”. Para Vizeu e Correia (2006) *apud* Martins (2007, p.5), o telejornal é importante construtor de uma identidade local e referência para o telespectador, pois “a notícia local é diferente da notícia chamada de ‘rede’ porque gera uma relação de identificação com o telespectador, já que se refere a acontecimentos que o atingem em seu cotidiano mais próximo.”

Além do conteúdo, os telejornais regionais utilizam estratégias para criar vínculos com a audiência – uma dessas estratégias é investigada neste artigo: a composição do cenário com fotografias da região. Bourdin (2001, p. 25) *apud* Martins (2007, p. 5) fala sobre a valorização do encontro e das especificidades sociais e culturais compartilhadas:

Tais vínculos poderiam assim ser estabelecidos através de toda e qualquer mensagem transmitida ao telespectador, seja ela a cobertura de fatos jornalísticos, seja por meio de iniciativas para aproximar a emissora da comunidade local; todas essas representações veiculadas contribuem para a manifestação das ilusões e paixões de identidade local. (BOURDIN, 2001, p. 25, *apud* MARTINS, 2007, p. 5)

A respeito do prestígio que os telespectadores têm dado ao telejornalismo regional nos últimos anos, o diretor de jornalismo Paulo Eduardo Vieira, da TV Integração, explica que esta é a principal fonte de informações sobre o que acontece no lugar onde o público vive, ao passo que as notícias nacionais e internacionais são facilmente obtidas em outros meios, como a internet.

3 IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÃO REGIONAL

3.1 A identidade e a identificação espacial

Falar sobre identidade não é tarefa fácil, pois seu significado é complexo e muitos já filosofaram sobre seu conceito. O dicionário Michaelis define o verbete como a qualidade daquilo que é idêntico, a paridade absoluta, o conjunto dos caracteres próprios de uma pessoa, considerados exclusivos dela e que a faz ser reconhecida. É ainda a consciência que uma pessoa tem de si mesma. O mesmo dicionário define “identificação” como o ato de identificar (-se), que vem a ser a descoberta da identidade.



No Dicionário de Sociologia, Allan Johnson explica que identidade “é o modo pelo qual chegamos a nos tomar a nós mesmos como objeto através do ato de vermos a nós mesmos e aos outros”. Já identificação, segundo o mesmo autor, é “um processo de outorgação de nome, de nos colocarmos, nós mesmos, em categorias socialmente construídas” (MARTINS, 2007, p. 2).

Conforme Vaz (2006, p.20), “a identidade é discursivamente constituída. No interagir e no dotar o mundo (e a si próprio) de significância, o ser humano se constrói”.

Por sua vez, Stuart Hall distingue três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno, sendo que o último (que mais interessa neste trabalho) é conceituado como “não tendo uma identidade fixa, essencial, permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987). Nesse sentido, a identidade define-se historicamente e não biologicamente.

Assim, a identidade é definida, inclusive, pelo espaço em que as pessoas nascem e vivem. Nesse espaço estão contidas as ações influenciadas pela natureza típica, a história do povo, a cultura e os hábitos passados de geração a geração. Este artigo propõe justamente a observação de mecanismos de identificação regional, por meios de imagens, em um produto tipicamente local: um telejornal da região. Paradoxalmente, na sociedade contemporânea cada vez mais globalizada pelas comunicações intercontinentais, o telejornalismo regional permanece como forma de valorização do conjunto local, como explica Peruzzo (2003, p. 5):

A valorização do local na sociedade contemporânea é processada pelo conjunto da sociedade e surge no auge do processo de globalização. Particularmente, até os grandes meios de comunicação de massa, que historicamente sempre deram mais atenção às comunicações de longa distância e aos temas de interesse nacional ou internacional, passam a regionalizar parte de seus conteúdos. Por que ocorre esse novo interesse pelo local? Justamente pela percepção de que as pessoas também se interessam pelo que está mais próximo ou pelo que mais diretamente afeta as suas vidas e não apenas pelos grandes temas da política, da economia e assim por diante. Elas curtem as benesses trazidas pela globalização, mas não vivem só do global, que em última instância é uma abstração. Elas buscam suas raízes e demonstram interesse em valorizar as “coisas” da comunidade, o patrimônio histórico cultural local e querem saber dos acontecimentos que ocorrem ao seu redor. (PERUZZO, 2003, p. 5).



Sobre o local, Ortiz (1999, p.59-60) *apud* Peruzzo (2003, p.5) explica que três aspectos o caracterizam: “a proximidade do lugar (em contraste com o distante); a familiaridade (associado a questão das identidades e das raízes históricas e culturais) e a diversidade (é plural, se opõe ao global ou ao nacional apenas como abstração)”. É justamente esse o lugar em que se insere nosso objeto de estudo: Uberlândia e região, que são mineiras e triangulinas - concomitantemente são próximas, familiares e diversas.

3.2 Identidade mineira, triangulina e uberlandense

A cidade de Uberlândia está localizada no Triângulo Mineiro, que juntamente com o Alto Paranaíba forma uma das doze mesorregiões do estado de Minas Gerais. Nesse contexto, os produtos regionais, inclusive os telejornais, procuram criar vínculos ora com a identidade mineira, ora triangulina, ora uberlandense. Vale lembrar que, muitas vezes, essas identidades são impregnadas de estereótipos.

A imagem do mineiro costuma ser associada ao caipira, sujeito simples, desconfiado e precavido. Em seu texto “Minas Enigma”, o poeta mineiro Fernando Sabino define o mineiro da seguinte forma:

Em suma: ser mineiro é esperar pela cor da fumaça. É dormir no chão para não cair da cama. É plantar verde pra colher maduro. É não meter a mão em cumbuca. Não dar passo maior que as pernas. Não amarrar cachorro com lingüiça. Porque mineiro não prega prego sem estopa. Mineiro não dá ponto sem nó. Mineiro não perde trem. (SABINO, 1967, p. 71)

Outro mineiro, o escritor e religioso Frei Betto, define o mineiro de forma parecida:

ser mineiro é dormir no chão para não cair da cama; sorrir sem mostrar os dentes. Desconfiar até do próprio pensamento (...) Mineiro é isso, sô! Come as sílabas para não morrer pela boca. Fala manso para quebrar as resistências do interlocutor. Sonega letras para economizar palavras. De vossa mercê, passa para vossemecê, vossência, vosmecê, você, ocê, cê, e num demora muito, usará só o acento circunflexo.

Esses discursos carregados de subjetividade revelam a representação que geralmente se faz da mineiridade, associada à simplicidade e à ruralidade. Entretanto, o Triângulo nem sempre foi mineiro. A região pertenceu ao estado de São Paulo até 1748,



passando depois a fazer parte do estado de Goiás até 1816. Só então, por meio de alvará régio, D. João VI separou o Triângulo de Goiás e o anexou a Minas Gerais (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 2008). Além da história, a geografia também coloca o Triângulo em fronteira com os estados de Goiás, São Paulo e o restante de Minas. Tal situação favoreceu a hibridez nas características do lugar, cujo povo mantém hábitos de mineiros, paulistas e goianos.

Além disso, especificamente a cidade de Uberlândia, a mais importante na região do ponto vista político-econômico, recebe migrantes procedentes de diversos estados, devido às suas ofertas de emprego e vagas no ensino superior. O relatório Condições Socioeconômicas das Famílias de Uberlândia, elaborado por pesquisadores da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e divulgado pelo jornal Correio de Uberlândia, revela que mais da metade da população urbana é formada por pessoas não naturais do município: 52% de migrantes e 48% de uberlandenses.

Por tudo isso, a identidade triangulina e uberlandense difere da mineira, por ser constituída por aspectos culturais goianos, paulistas e até mesmo de outros estados. Existem, inclusive, movimentos separatistas que defendem a criação do estado do Triângulo Mineiro³. O fato é que os uberlandenses e triangulinos apresentam um comportamento híbrido, como é informado em um texto da redação do jornal Correio de Uberlândia: “Os uberlandenses adoram arroz com pequi, prato típico goiano, e arroz carreteiro, comida tradicional do interior paulista, introduzida na culinária mineira pelos tropeiros e bandeirantes que desbravaram o Sertão da Farinha Podre, região onde surgiram cidades como Uberlândia e Uberaba” (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 2008).

Assim, as características associadas ao público de Uberlândia e do Triângulo são mistas, mas prevalece a identificação com o rural, o sertanejo e a natureza do cerrado. Essas representações, inclusive, aparecem nas imagens veiculadas no cenário do telejornal que será analisado na sequência.

4 MGTV PRIMEIRA EDIÇÃO E SEUS MECANISMOS DE IDENTIFICAÇÃO REGIONAL

O “MGTV Primeira Edição” ocupa a segunda faixa de horário disponibilizada diariamente pela TV Globo para o telejornalismo regional e, no caso do programa

³ Sobre esse assunto, ver: LONGHI, Rogata Soares Del Gaudio. O movimento separatista do Triângulo Mineiro. Disponível em: <http://www.pucsp.br/neils/downloads/v4_artigo_rogata.pdf>

produzido pela TV Integração, é pautado e transmitido aos municípios do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. De acordo com a própria emissora: “É o telejornal tradicionalmente comunitário da TV Integração. No ar de segunda a sábado na hora do almoço, ele traz as notícias da manhã e é focado em prestação de serviços e no que acontece de mais próximo de nossos telespectadores: as notícias de cada vizinhança” (TV INTEGRAÇÃO, 2010 *apud* JERÔNIMO, TONUS, 2010).

Além de exibir as principais notícias da região, o “MGTV Primeira Edição” tem quadros que aproximam a audiência local, como o “Eu Amo Meu Bairro” e o “Integração Cidade”, além de quadros interativos, como o “MGTV Responde”. Nesse sentido, Rudin e Ibbotson (2008, p.156) *apud* Jerônimo e Tonus (2010) explicam a intencionalidade dos telejornais regionais:

Um dos principais objetivos do programa é adotar uma fórmula de conteúdo e apresentação que seja familiar ao telespectador. A estrutura só é alterada para incluir mais detalhes de cobertura como reportagem no local ou links a redes de notícias nacionais, em casos de notícias de grande importância local, como uma pane em avião num aeroporto próximo ou uma tragédia nacional. (RUDIN; IBBOTSON, 2008, P.156 *apud* JERÔNIMO; TONUS, 2010, p.10)

Além do conteúdo, os telejornais se valem de outros mecanismos para construir vínculos com a audiência. No caso dos programas regionais, um recurso bastante utilizado é o cenário com elementos que remetam ao lugar onde os telespectadores vivem. O “MGTV Primeira Edição” tem em seu cenário oito totens, sendo setes deles com fotografias variadas sobre temas da região e outro com um monitor, como pode ser visto nas Figuras 1 e 2.

Figura 1 – Estúdio do MGTV onde está a bancada dos apresentadores



Fonte: ALMEIDA, D. R. B. (2011)



Figura 2 – Estúdio do MGTV onde convidado é entrevistado



Fonte: ALMEIDA, D. R. B. (2011)

Da esquerda para a direita, os totens são os seguintes:

Figura 3 – Primeiro totem com a fotografia de prédios de Uberlândia e segundo totem com monitor exibindo o logotipo do MGTV.



Fonte: ALMEIDA, D. R. B. (2011)

Figura 4 – Terceiro totem com a fotografia da Casa da Cultura de Uberlândia



Fonte: ALMEIDA, D. R. B. (2011)



Figura 5 – Quarto totem com fotografia da Lagoa do Parque do Sabiá



Fonte: ALMEIDA, D. R. B. (2011)

Figura 6 – Quinto totem com fotografia de uma roca de fiação de algodão



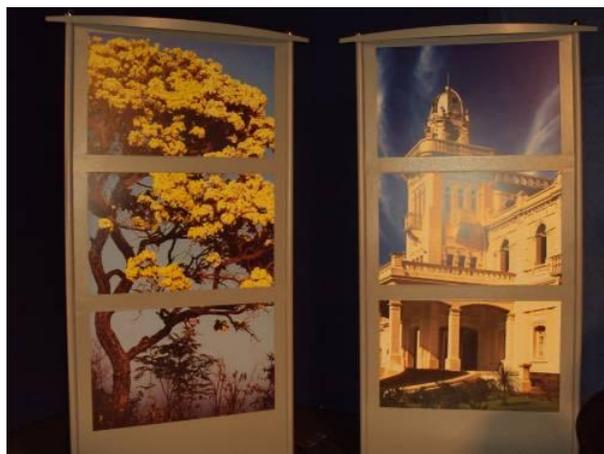
Fonte: ALMEIDA, D. R. B. (2011)

Figura 7 – Sexto totem com fotografia do Congado



Fonte: ALMEIDA, D. R. B. (2011)

Figura 8 – Sétimo totem com fotografia de um ipê amarelo e oitavo totem com fotografia do Palácio dos Ferroviários de Araguari (MG)



Fonte: ALMEIDA, D. R. B. (2011)

Observamos que o primeiro totem traz a fotografia dos prédios de Uberlândia, uma marca da identidade da cidade que é a segunda maior do Estado de Minas Gerais, de acordo com o Censo de 2010. Além disso, Uberlândia é o município mais desenvolvido na região do ponto de vista econômico e onde os habitantes das cidades vizinhas buscam uma série de serviços mais avançados, por exemplo, na área de saúde, educação e tecnologias. Dessa forma, a imagem dos edifícios do centro da cidade lembra o telespectador que Uberlândia é uma cidade desenvolvida e moderna.

O segundo totem é onde fica o monitor que ora mostra o logotipo do telejornal, ora transmite imagens ao vivo de repórteres que estão em algum ponto da região. Assim, é uma forma dinâmica de mostrar a cidade dentro do estúdio, inclusive, com participação popular em tempo real.

Já no terceiro totem, vemos a imagem de um prédio histórico de Uberlândia: a Casa da Cultura. A construção é de 1922/1924 e já foi utilizada como residência, Casa de Saúde, Delegacia de Polícia Civil e, atualmente, é destinado a eventos culturais. Essa imagem representa uma identificação cultural e um laço com a história uberlandense.

Por sua vez, o quarto totem exibe a fotografia de um dos principais pontos turísticos de Uberlândia: a Lagoa do Parque do Sabiá. Esse é um espaço onde a população uberlandense de diferentes classes socioeconômicas transita frequentemente, de modo que esta mesma população que assiste ao “MGTV Primeira Edição” identifica com facilidade, no cenário do telejornal, um espaço de convivência.

O quinto totem remete a uma tradição histórica mineira, que é a fiação do algodão. A fotografia de uma roca utilizada para fiar lembra a identidade rural de muitos mineiros e triangulinos e, no contexto do telejornal, cria a sensação de familiaridade com quem veio do campo ou ainda vive nas zonas rurais dos municípios do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e assiste ao programa.

Uma das mais relevantes manifestações culturais e religiosas da região aparece no sexto totem: o Congado. A fotografia mostra uma pessoa utilizando trajes típicos e tocando um tambor, um recorte da Festa do Congado, de influência africana, que acontece em cidades da região. É uma forma de identificar no cenário do MGTV a presença da cultura do povo mineiro e triangulino.

No sétimo totem está um símbolo do cerrado, o Ipê Amarelo. Trata-se de uma amostra característica da natureza dos Estados de Minas Gerais, Goiás e interior de São Paulo, que, como foi explicado anteriormente, fazem parte da história do Triângulo Mineiro. É outra marca de identificação espacial da audiência do “MGTV Primeira Edição”.

O último totem é o único não uberlandense. Trata-se de uma fotografia do Palácio dos Ferroviários de Araguari, município vizinho de Uberlândia que também se localiza no Triângulo. O prédio foi restaurado, tombado como patrimônio histórico e sedia o Museu dos Ferroviários. Esta é uma representação da história das ferrovias que, no passado, tiveram grande importância no desenvolvimento da região e funciona como um mecanismo de identificação, especialmente, para o público de Araguari e para os que viveram na época em que as ferrovias eram bastante utilizadas.

Portanto, temos três imagens caracteristicamente de Uberlândia: os edifícios, a Lagoa do Parque do Sabiá e a Casa da Cultura – curiosamente, são os primeiros totens junto com o do monitor, que aparecem ao fundo da bancada dos âncoras –; três imagens que podem ser associadas a qualquer cidade do Triângulo Mineiro ou mesmo de Minas: a roca de fiação de algodão, o Congado e o Ipê Amarelo; uma imagem da cidade de Araguari: o Palácio dos Ferroviários; e uma possibilidade de imagem dinâmica no totem com o monitor.

Sobre a escolha das imagens, o diretor de jornalismo da TV Integração, Paulo Eduardo Vieira, explicou que foram selecionadas por um colegiado composto por profissionais de diversas áreas da emissora. Segundo Vieira, as imagens foram escolhidas por serem identificáveis pelo público como presentes na região. Ao ser questionado se a TV Integração considera mais importante quanto à estética do MGTV



manter o padrão Globo ou criar uma identidade regional, o diretor de jornalismo respondeu: “A identidade regional. O ‘padrão Globo’ não é uma cartilha rígida. É uma meta de qualidade. E o alinhamento com a região também determina nossa qualidade”.

Quanto à identidade do telejornal, se seria uberlandense, triangulina ou mineira, Vieira disse que é mineira: “Uma vez que apesar de focarmos em notícias de Uberlândia e do Triângulo e Alto Paranaíba, também temos espaço para as notícias de todo o Estado. Desde que estas sejam relevantes e causem impacto em nossa região ou na cidade”.

Contudo, percebe-se que apesar de o telejornal ter a sigla do Estado de Minas Gerais – MGTV – e de o seu diretor de jornalismo afirmar que a identidade dele é mineira, o cenário estabelece mais vínculos com os moradores de Uberlândia. São mais imagens desta cidade e elas estão estrategicamente posicionadas ao fundo da bancada dos âncoras do telejornal, de modo que diariamente elas são as mais exibidas, ao passo que as outras aparecem apenas quando é utilizada a parte do estúdio destinada a entrevistas ou quando os apresentadores se deslocam para essa área, o que é menos comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, neste trabalho, observar e analisar de que forma o telejornalismo em Uberlândia, em especial o “MGTV Primeira Edição”, cria vínculos com a identidade regional por meio do seu cenário. Consideramos importante esse estudo porque aborda um mecanismo que é usado para cativar e garantir a audiência e é ainda um reforçador da cultura regional de massa. Conforme Martín-Barbero:

As atuais pesquisas em Comunicação procuram demonstrar a necessidade de abrangências de representações capazes de pensar a comunicação articulada a estratégias de intervenção social, que possam atuar no mercado regional voltados para a comunidade da mídia local, sejam de caráter independente ou institucionalizado. A construção da pesquisa a partir da análise lógica de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, necessita partir das mediações, dos locais do qual provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e expressividade cultural da televisão. (MARTÍN-BARBERO, 1987 *apud* MARTINS, 2007)

Depois de analisar as fotografias que compõem o cenário do “MGTV Primeira Edição”, concluímos que o telejornal busca estabelecer vínculos com o seu público por meio da estratégia de identificação de quem assiste com o que é assistido. A única imagem que se repete diariamente no telejornal é a do estúdio, onde ficam os apresentadores, e nessa imagem é utilizado um forte mecanismo de identificação: a reprodução de cenas de Uberlândia, do Triângulo Mineiro e de Minas Gerais.

No dia 28 de maio de 2012, a emissora fez alterações no cenário. A bancada e as cadeiras são novas e o monitor foi substituído por um telão de 80 polegadas e uma tela de toque em que os próprios apresentadores podem manipular o conteúdo. Todavia, as fotografias da região foram mantidas, como se pode observar na Figura 9. Há o interesse em modernizar o cenário, com a inserção de recursos tecnológicos avançados, mas o vínculo de identificação regional permanece.

Figura 9 – Novo cenário do MGTV Primeira Edição



Fonte: Divulgação/TV Integração (2012)

Durante a visita ao estúdio da TV Integração, o diretor de jornalismo Paulo Eduardo Vieira revelou que a TV Globo, até alguns anos, mantinha um padrão a ser



seguido pelos telejornais das emissoras afiliadas. Porém, isso mudou nos últimos anos e agora as TVs locais têm liberdade para escolher o seu cenário.

Essa parece ser uma tendência da produção televisiva regional para manter seu prestígio em meio à concorrência com mídias globais que cada vez mais tornam o mundo todo ao alcance de um clique, como a internet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTO, Frei. Ser Mineiro. Disponível em: <http://www.freibetto.org/index.php/artigos/49-ser-mineiro-frei-betto>. Acesso em 06 jul. 2011.

CORREIO de Uberlândia. **Uberlândia é mineira, goiana e paulista**. Disponível em: <http://www2.correiodeuberlandia.com.br/imprimirMateria.php?tid=12181&pubDate=2005-08-31>>. Acesso em 06 jul. 2011.

GOMES, Taiga Corrêa. **A localidade no telejornalismo: um espaço de interação e pertencimento**. Disponível em <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19482/1/Taiga+Gomes.pdf>>. Acesso em 18 mai. 2011.

HALL, Stuart. **A Identidade em Questão**. Disponível em: <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall1.html>>. Acesso em: 06 jul. 2011.

JERÔNIMO, Lucas Felipe e TONUS, Mirna. **Faces do Telejornalismo: O Processo de Construção de Telejornalismo na Cidade de Uberlândia**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1393-1.pdf>> Acesso em 06 jul. 2011.

MARTINS, Simone. **A construção da identidade no telejornalismo regional: o processo de produção da notícia no MGTV**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0149-1.pdf>>. Acesso em 18 mai. 2011.

_____. **Da audiência presumida ao espectador participativo: telejornalismo e identidade local no Jornal da Alterosa Edição Regional**. Disponível em <http://www.adevento.com.br/intercom/2007/resumos/R0919-2.pdf>>. Acesso em 18 mai. 2011.

MICHAELIS: Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo, Cia. Melhoramentos, 1998.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária**. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/4949/1/NP12PERUZZO.pdf>>. Acesso em 18 mai. 2011.

SABINO, Fernando. **Minas Enigma**. Disponível em: http://www.releituras.com/fsabino_menu.asp>. Acesso em 07 jul. 2011.

VAZ, Paulo Bernardo. **Narrativas Fotográficas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.